Eu com os outros. 3.1. As relações precoces

1. O documentário “A Ciência dos Bebés” apresenta-nos várias aquisições e progressos dos bebés ao longo do seu período de gestação e também durante o seu primeiro ano de vida após o nascimento. São destacadas aqui algumas dessas aquisições como o aumento do tamanho do cérebro para o dobro durante o primeiro ano de idade), choro como único som para comunicar, começando mais tarde o balbuciar, o reconhecimento da voz da mãe no útero, o a existência de alguns reflexos inatos ou instintivos, como suspender a respiração debaixo de água, a sucção, a capacidade de apreensão, o facto da marcha bípede obedecer a uma espécie de pré-programação. Referiram também as investigações que apontavam a existência de certas capacidades mentais dos bebés, o cálculo mental de adição e subtração. O desenvolvimento neuronal mostra que os neurónios do bebé competem entre si para ficar na posse das conexões, o que mostra o processo de cerebralização, a necessidade de estimulação sensorial é fundamental para o desenvolvimento dos bebés, o que foi possível verificar no caso concreto do desenvolvimento das capacidades visuais, ou seja, uma criança que sofria de catarata no olho esquerdo mostrava como as ligações nervosas aos olhos era desigual e podia implicar a cegueira. No documentário também foi indicada a existência de uma capacidade de aprendizagem linguística universal nos bebés que é despertada pela socialização e que os bebés têm igualmente a capacidade de reconhecer rostos humanos e não humanos, uma capacidade que posteriormente é afinada para reconhecer apenas rostos humanos familiares. O desenvolvimento motor é desigual e não obedece a uma sequência de etapas, depende principalmente da experiência individual de cada bebé e do seu modo de adaptação e aprendizagem motora, como por exemplo, a aquisição da bipedia, esta não obedece a um plano rígido de desenvolvimento, mas os bebés desenvolvem estratégias diversificadas para conseguirem adquirir a postura bípede.
2. O conceito de «mãe» não se pode circunscrever ao seu significado biológico, muito pelo contrário, o conceito de «mãe» pode ser melhor compreendido pelo conceito de «figura parental», isto é, uma pessoa significativa que tenha aprendido as competências necessárias para cuidar de uma criança, não apenas nos cuidados básicos, mas que saiba educá-la em sentido alargado, ou seja, uma pessoa disponível para amar a criança, transmitir-lhe afetos, carinho, segurança e conforto, o que vai muito além de satisfazer as necessidades fisiológicas mais básicas. Assim, ser «mãe» é exercer um papel que pode ser desempenhado por um pai, pelos avós, por outras pessoas que não os familiares da criança, na condição de que sejam capazes de amar e educar a criança, transmitindo-lhe estímulos positivos e experiências gratificantes. O papel de «mãe» depende igualmente da ação dos padrões de cultura e das aprendizagens sociais, uma vez que é possível encontrar sociedades em que as mães biológicas entregam os seus filhos logo após o nascimento aos pais ou a outros

familiares. Ser mãe não se reduz ao ato biológico de gestação e de dar à luz, e de prestar os cuidados básicos de alimentação, asseio e cuidados primários.

3. O comportamento maternal, na espécie humana, não é fruto de uma determinação genética, nem é imposto de uma forma rígida para todas as sociedades e culturas humanas. Pelo contrário, cuidar de uma criança não é uma competência inata, mas é um conjunto de condutas aprendidas no meio sociocultural, pelo que há uma grande variedade de padrões de conduta, tal como existe diversidade de padrões de cultura. Uma mulher não nasce com as competências para ser mãe tem de aprender a sê-lo. A aprendizagem de condutas maternais é diversificada no espaço e no tempo. Prestar cuidados maternos, entre nós, nada tem a ver com o que se passa noutras culturas, como é o caso dos habitantes das ilhas Marquesas, em que mergulham os bebés num regato gelado e os alimentam a caldos sem a menor atenção. Nas ilhas Gilbert, é frequente a adoção de filhos. Os pais não se podem negar a ceder o seu filho a quem lho pedir, sob pena de serem socialmente reprovados por infringirem os costumes locais. Nas ilhas Samoa, as crianças são tratadas sem afeto por parte das mães e podem ser criadas por outras mulheres. Desde que começam a andar, têm de tomar conta das outras crianças. Não raro, as crianças que se sentem “cansadas” de estar com a sua própria família vão viver com outra da sua eleição. Otto Klineberg comprovou numa das suas obras as enormes discrepâncias que a conduta maternal pode assumir entre os seres humanos, tal como acontece com os índios Omaha. A captura de crianças que eram membros de outras tribos podia levar à adoção por quem tivesse perdido um filho, ou que não pudesse ter filhos. Um caso extremo de uma mãe índia que se propôs adotar um jovem que tinha assassinado o seu próprio filho revela até que ponto a força do costume se sobrepõe a outros sentimentos. Se pensarmos no que sentiria uma mãe (na nossa cultura e de acordo com os nossos padrões de justiça), perante a ideia de acolher na sua própria casa o homem que lhe tivesse morto o filho, poderemos perceber até que ponto as manifestações de «amor maternal» podem variar de comunidade para outra.
4. Em termos psicoafectivos, «mãe» é uma pessoa adulta significativa que dispõe de tempo para dedicar à criança, mostrando-se capaz de lhe proporcionar experiências positivas e estimulantes, dispensando a atenção e o afeto de que a criança necessita. Um bom exemplo do que se pode entender pelo conceito psicoafectivo mais lato de «mãe», que é mais uma «figura parental», está bem retratado no célebre filme realizado por Charlie Chaplin, *The Kid*.
5. A primeira relação que a criança estabelece com um adulto é o que se designa por “vinculação precoce”, ou seja, é relação que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma forte ligação afetiva da criança em relação à sua “figura parental”. Esta ligação gera, de certa forma, um forte clima de emotividade em que o sentimento de dependência da criança é compensado pelo facto desta se sentir querida e amada, esta relação é o ponto de partida básico da estruturação das relações sociais que a

criança futuramente estabelecerá, cujo êxito ou fracasso dependem do carácter gratificante, ou frustrante, vivido nesta primeira vinculação.

6. O conceito de imaturidade era tradicionalmente associado às ideias de passividade e de incompetência, vendo-se a criança como um ser desprovido de capacidades e indiferente ao mundo de adultos que a rodeava. A criança, neste conceito tradicional de imaturidade, dispunha de necessidades fisiológicas cuja satisfação a faria crescer e amadurecer para ser treinada, mais tarde, nos padrões sociais e educacionais em vigor. Atualmente, a criança é vista como um ser ativo, dinâmico, dispondo de necessidades que ultrapassam em muito as fisiológicas – é um ser portador de competências próprias da sua idade, as quais têm de ser estimuladas e desenvolvidas. A imaturidade da criança concebe-se como dependência em relação ao adulto, mas este tem que lhe prestar cuidados que vão de encontro à satisfação das suas necessidades, não apenas orgânicas, mas também afetivas, psicológicas e sociais. A criança nasce imatura para que tenha tempo para ser criança e assim poder desenvolver-se e construir a sua personalidade. Este é um novo conceito de imaturidade, fruto do conhecimento científico sobre a biologia da espécie humana e dos seus traços comportamentais; estamos, pois, bastante longe de ver uma criança imatura apenas como uma espécie de «adulto em miniatura».
7. Desde o nascimento que a criança é um ser ativo e desperto para o mundo. É portadora de necessidades específicas que têm de ser satisfeitas e de capacidades à espera de ser desenvolvidas. Possui sentidos que a abrem ao mundo e reflexos para reagir. Começa a relacionar-se com os outros, dispondo de formas de interação, das quais se destaca o choro, o sorriso, os gestos, que são uma espécie de linguagem para se expressar.
8. A Psicologia do Desenvolvimento, através de três investigadores considerados clássicos no estudo do comportamento infantil, a saber, Jean Piaget, Sigmund Freud e Erik Erikson, reformularam o conceito de «infância» e o modo como a mentalidade comum da nossa sociedade encara o desenvolvimento psicológico das crianças. A criança é vista como um ser ativo, dinâmico, revela capacidades exploratórias do meio ambiente, com necessidade de desenvolver capacidades específicas (o pensamento, a linguagem, a sociabilidade, as emoções, o sentimento moral, a sexualidade, enfim, a construção da personalidade). Para Jean Piaget, o essencial é a passagem da ação para a aquisição de esquemas mentais, isto é, o desenvolvimento cognitivo através de várias etapas. Para Freud, as primeiras vivências da criança passam pela satisfação do prazer e da orientação da «libido», fases que contribuem para o desenvolvimento psicosssexual e equilíbrio emocional da personalidade adulta («a criança é o pai do homem»). Por fim, de acordo com Erikson, é necessário que a criança ultrapasse várias crises psicossociais, sobretudo o primeiro conflito existencial (Erikson formulou uma pergunta inerente a esta primeira etapa do bebé: «o mundo

que me rodeia é previsível, protetor ou ameaçador?»). A resolução deste primeiro conflito, se for positiva em função da experiência gratificante proporcionada pelos pais, desenvolve o sentimento de esperança no bebé, a confiança de que o mundo é positivo e acolhedor, o que poderá refletir-se nos seus relacionamentos sociais futuros. No seu conjunto, estes psicólogos evidenciam caracteres que distanciam a criança do velho conceito que fazia dela um tubo digestivo com necessidades essencialmente reduzidas à esfera orgânica.

9. Há competências maternas que são naturais e inatas, ou seja, relacionadas com a biologia, manifestando-se inicialmente com a gravidez, prolongam a sua ação ao longo da amamentação do bebé. Fundamentalmente trata-se do desenvolvimento das glândulas mamárias, cujo papel principal consiste na produção de leite para alimentar o bebé, o desenvolvimento destas é desencadeado pela hormona feminina, a progesterona, segregada pelos ovários, e pela prolactina, segregada pela hipófise.
10. Para além dos mecanismos associados à produção de leite, as competências maternas são adquiridas por aprendizagem social; isto significa que se uma mulher não se informar junto das mães do seu grupo e cultura, se não ler artigos em revistas e livros sobre temas materno-infantis, ou não frequentar cursos específicos de puericultura, não saberá o que fazer para cuidar adequadamente de uma criança. Sem aprendizagem social, no fundo, dificilmente se saberá ser mãe, ou comportar-se adequadamente como mãe.
11. Harry Harlow realizou experiências com macacos criados por duas «mães» artificiais: uma de arame, outra de veludo. A primeira tinha um dispositivo que permitia aos macaquinhos alimentarem-se. A outra, revestida de material felpudo, proporcionava-lhes um contacto macio e agradável. Era a esta última que os pequenos animais se abraçavam, permanecendo junto dela a reivindicar o conforto que a «mãe de arame» não lhes podia dar. Mesmo com fome, ou quando queriam explorar objetos, procuravam não perder o contacto com a mãe mais confortável. Na presença de algo estranho, agarravam-se à mãe de veludo, procuravam acalmar-se, e só depois iam observar o que se passava. A exploração do meio era cautelosamente feita, usando a mãe como base de proteção e apoio. Harlow concluiu que, após estabelecido o vínculo com a mãe felpuda, esta funcionava como proteção, capaz de subtrair os pequenos animais ao sentimento de medo em face de situações estranhas. A mãe felpuda dava-lhes segurança, contributo importante para o desenvolvimento da autoconfiança e autonomia.
12. Jacques Phillippe Leyens considera que quanto mais forte e gratificante for o vínculo do filho em relação à mãe, mais independente ele se torna, em virtude da segurança que esse vínculo confere à criança. É que uma vinculação bem estabelecida significa segurança e confiança, sentimentos que garantem ao bebé elevado grau de

autonomia, sem o que não se pode falar de sentido de liberdade. A vinculação dos bebês, tanto humanos como primatas, em relação às mães, pode ser vivida de modo gratificante, ou penoso. No primeiro caso, os sentimentos nutridos são geradores de confiança, pelo que os bebês se sentem aptos a estabelecer novos e benéficos contactos sociais. Ao invés, as experiências negativas vividas na relação mãe-filho traumatizam os bebês, que podem não tentar estabelecer novas relações, ou fazê-lo desconfiadamente e dominados pelo medo. Experiências com primatas e observações de seres humanos levaram ao estabelecimento de uma relação direta entre perturbações na vinculação e irregularidades nos relacionamentos social e emocional, designadamente a nível sexual e maternal. De um modo muito simples: a vinculação influencia o tipo de personalidade das pessoas, as quais podem ser mais adaptadas e desenvolvidas emocional e psicologicamente, integrando-se na sociedade, se a experiência de vinculação foi positiva. O inverso implica défices de adaptação social e perturbações emocionais de personalidade.

13. O contributo das observações de Anna Freud para o reconhecimento da necessidade de vinculação foram as observações que esta fez em infantários fundados no tempo da guerra para acolher os filhos das mulheres trabalhadoras cujos maridos se tinham alistado em combate. Apesar de bem cuidadas em termos de alimentação e higiene, quase todas as crianças apresentavam perturbações emotivas e atraso no desenvolvimento, cujas causas foram atribuídas à ausência de afeto materno.
14. René Spitz observou crianças abandonadas que passaram a viver, desde os primeiros meses de vida, em orfanatos, tendo concluído que a privação dos cuidados e aconchego maternos era responsável por consequências negativas várias: morte precoce, dificuldades no relacionamento interpessoal, indiferença e insensibilidade em relação às pessoas e tendência exagerada para granjear o afeto e a atenção dos outros.
15. Bowlby observou crianças de tenra idade, essas observações levaram-no a concluir que as crianças, quando afastadas da família por períodos superiores a três meses, vêm a sofrer de perturbações que se desenvolvem por fases: inicialmente, há uma fase de desespero, em seguida, surge irritação e cólera e por último, as crianças ficam indiferentes e apáticas.
16. A vinculação é a tendência manifestada pelos seres vivos de várias espécies para, nos primeiros tempos de vida, se ligarem afetivamente à mãe, permanecendo junto dela, ou de outro adulto de que eventualmente dependam.
17. As experiências de Harlow vieram provar a incorreção da interpretação de que o vínculo afetivo que se estabelece entre o filho e a mãe não é, como Freud sustentava, uma resposta natural, relacionada com a satisfação das necessidades fisiológicas, pois,

se esta interpretação fosse verdadeira, os macaquinhos bebés estabeleciam vínculo afetivo com as mães de arame, proporcionadoras de alimento. Ora, o que ficou provado é que o vínculo se estabelecia em relação às mães felpudas, que não lhes proporcionavam comida, mas contacto-conforto.

18. Harlow manteve macaquinhos bebés numa jaula vazia, em completo isolamento, sem contacto com ninguém. Quando o isolamento era superior a um ano, os animais tornavam-se inadaptados, manifestando problemas sociais e emocionais. Procurando afastar-se dos outros, abraçavam-se ou mordiam-se, autopremiando-se ou punindo-se, e efetuavam movimentos oscilantes como se estivessem num baloiço. Colocados em contacto com outros macacos criados normalmente, não brincavam, não os perseguiram, nem respondiam aos seus ataques agressivos. Esta inadaptação persistiu em idades futuras, mostrando-se impotentes em questões sexuais e inaptos nas relações parentais. Alguns machos tornaram-se sexualmente indiferentes e os que tentavam acasalar, agarravam-se indiscriminadamente a macacos de qualquer sexo, não conseguindo qualquer tipo de relacionamento. As fêmeas resistiam às solicitações dos machos normais e, fecundadas artificialmente, não mostravam amor pelos filhos, antes os maltratavam e mordiam.

19. As conseqüências da privação em crianças de estímulos humanos são negativas, muito semelhantes às verificadas em macacos: aberrações no desenvolvimento social e emocional, que podem ir da procura obsessiva e doentia de afeto à indiferença em relação ao adulto. A indiferença é a conduta mais generalizada, sendo muitos os casos em que se evitam pessoas, de isolamento e apatia, permanecendo as crianças agarradas à barra da cama, ou baloiçando-se, em movimentos repetidos e sem sentido, assumindo um rosto inexpressivo. Observações futuras revelaram casos de déficit intelectual, nomeadamente em relação à linguagem e raciocínio abstrato, e de perturbações sociais e emocionais: indiferença. Agressividade e delinquência. Recordemos também neste contexto os casos extremos, documentados e investigados, das chamadas crianças selvagens, bem como o respetivo elenco de défices psicológicos profundos.

20. As primeiras experiências da criança são centrais para a socialização, na medida em que é na relação com a mãe que se inicia a interiorização de regras e padrões, úteis no futuro estabelecimento de comportamentos ajustados ao grupo. Do clima emocional das primeiras vivências depende o maior ou menor equilíbrio psicológico da criança no que respeita ao relacionamento social. Se as experiências vividas na vinculação inicial são agradáveis, a criança ganhará otimismo e confiança bastantes para ousar estabelecer relações com outras pessoas. Se, ao invés, forem desagradáveis, a criança pode tender para a desconfiança, hesitando relativamente a novos contactos sociais. A personalidade futura poderá ser afetada a partir das situações de estímulo

anteriormente referidas: há pessoas cuja atitude perante os outros é de expansão, de procura de relacionamentos e de abertura aos outros, assumindo uma forte motivação e autoestima pessoais, ao passo que outras pessoas tendem para o isolamento social, para uma distância social e emocional perante os outros, mostrando pouca motivação para a vida e uma baixa autoestima.